



Processo criativo e balanço do ciclo “A Filosofia e o Cinema Político”

por Luís Rubira¹

Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de Filosofia da UFPel

Pensar por via do cinema. Mas não de modo aleatório, assistindo aqui e ali filmes com caráter “cult”, “filmes de arte”. Mas sim organizar o pensamento a partir de linhas temáticas de grande envergadura para a filosofia tais como, e dentre outras, a política, a religião, a arte, a história, a ciência. Fazer isto através do cinema. Depois alinhar os filmes de modo temático, mas também cronológico. E mais: fazer de tudo isto um projeto de extensão; ou seja, levar o conhecimento especializado da filosofia até um grande público, um público que não seja acadêmico, mas que expresse a comunidade em geral. Buscar os cinéfilos e também pessoas que queiram compartilhar a idéia. E mais ainda: propor debates no final de cada sessão, de modo a formar uma espécie de “grupo de elite” para a discussão de cinema. E no fundo bem mais: esperar que, do público, surja alguém interessado em fazer cinema, alguém que receba ali, em silêncio, os grandes cineastas, os grandes temas. Ter a expectativa de que, na platéia, existam cinéfilos como Juan Pablo Rebella, que depois de frequentar dezenas de filmes acabou por se tornar a vanguarda do novo cinema uruguaio ao fazer uma pérola como *Whisky*. Isto para não falar de outros grandes nomes do cinema que só foram manusear uma câmera depois de frequentar muitas horas as salas escuras dos Ciclos de Cinema. Grosso modo, estas foram as idéias que nortearam a realização de um Ciclo que interligasse Filosofia e Cinema.

¹ luiseduardorubira@gmail.com

Mas também outros foram os fatores. Em primeiro lugar, uma paixão por cinema que começou aos sete anos de idade. Depois, a mudança com relação a pensar o cinema quando frequentei os Ciclos propostos pelo professor João Manoel, da UFPel, que ocorriam no Cine Tabajara, no início dos anos 90. Ali, em especial, um filme fez repensar toda a relação com o cinema: *Asas da Liberdade* (Birdy, Alan Parker, 1984). E mais tarde: *Trinta anos esta noite* (Le Feu Follet, Louis Male, 1963). Depois, quando estava na faculdade de filosofia em 1992, a criação, junto com outros colegas, do “Clube de Cinema, vídeo e debate” que funcionou todos os domingos, durante dois anos, às 17h, no Instituto de Ciências Humanas, que ficava no Liceu Eliseu Maciel, em frente ao Mercado Público de Pelotas, ao lado do atual Centro de Integração do Mercosul. Ali, a cada mês, assistíamos Ciclos do Cinema japonês, Russo, Francês, italiano, espanhol, alemão, até adentrarmos na América Latina. Anos depois caiu-me em mãos um pequeno livro intitulado *Filmes contam histórias*, no qual a professora de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Nilse Wink Ostermann, fazia justamente isto: contar a História do mundo através do cinema. E no ano de 2008, na França, tomei conhecimento do livro *Cinéphilo* (Les plus belles questions de la philosophie sur grand écran), de Olivier Pourriol (traduzido no Brasil por André Teles e editado pela Jorge Zahar, em 2009). Além disso, havia anos, eu tinha o interesse em fazer um Ciclo sobre o Cinema Político, iniciar pelo Cinema Político. A frase de Aristóteles insistia: “O homem é um animal político”. Foi quando, então, troquei algumas ideias com o diretor da Fundação Simón Bolívar, e ele mostrou vivo interesse em que eu apresentasse um projeto para realizar no Centro de Integração do Mercosul.

Em quatro dias o programa foi montado. O tema central seria a Guerra Fria (1945-1989). Mas como entender a própria Guerra Fria sem compreender a Revolução

Francesa, o liberalismo, o marxismo, a primeira e a segunda guerras mundiais? Então fazer um corte no programa: primeiro abordar o tema “O mundo durante a Guerra Fria”, depois voltar no tempo e mostrar “Da Revolução Francesa ao fim da década de 1940”, e depois pensar a atualidade pós-queda do muro de Berlim com o bloco “Do fim da Guerra Fria aos nossos dias”. O filme de abertura não poderia ser outro senão *A batalha de Argel* (La Bataille d’Alger, 1965). Isto porque, queira-se ou não, Gilo Pontecorvo é o grande estopim, o cineasta-mestre do chamado cinema político. Além disso, a guerrilha, em Argel, terá um papel decisivo sobre aquilo que Ernesto Guevara de La Serna, o “Che”, pouco tempo mais tarde irá chamar de “A guerra de guerrilhas”.

Como o Ciclo deveria iniciar em junho e terminar em dezembro, apresentando um filme a cada sexta-feira, de modo ininterrupto, tínhamos 28 sessões. Então foram 28 os filmes selecionados. Iniciar pela Batalha de Argel significava pensar a França colonialista e a libertação que a Argélia irá impor ao jugo imperialista. Voltar para a Revolução Francesa e apresentar Danton e o *Processo da Revolução* (Danton, Andrzej Wajda, 1982) supunha pensar a própria França como aquela que, um dia, buscou libertar-se do jugo da monarquia e da religião (Voltaire mesmo havia escrito: “O homem só será livre quando o último rei for enforcado com as tripas do último padre”). Então, como a França estava em questão, haveríamos que terminar também por um filme que tivesse a França como foco. Imediatamente, então, surgiu na mente um filme de Mathieu Kasowitz. Um filme que aborda o conflito nos subúrbios de Paris, no qual, agora, a antiga França libertária e colonialista tem, aprisionado dentro de seus próprios muros, aqueles que estiveram sob sua colonização, como o mundo árabe, africano, e tudo isto nos “Banlieue”, os subúrbios onde vivem, também, os próprios franceses. Então o Ciclo teria, também, a França

como pano de fundo. Nada melhor, então, para compor o cartaz — a chamada para o Ciclo do Cinema político —, do que a imagem de Delacroix: a pintura “La liberté guidant le peuple” (A liberdade guiando o povo), cujo quadro, em grandes dimensões, encontra-se no museu do Louvre, em Paris.

Compreender “O mundo durante a Guerra Fria” e também compreender a busca do homem pela liberdade. Eis os móveis do Ciclo “A Filosofia e o Cinema Político”. A partir disso, os subtemas começaram a brotar: ideologia, imperialismo, ditadura, guerrilha, revolução, guerra, totalitarismo, fundamentalismo, terrorismo, genocídio, intolerância. A intolerância, aliás, parece estar na base de todos os conflitos políticos. Não se pode deixar de dizer, então, que é um grande privilégio pensar tantos temas em tão pouco tempo. E sobretudo abordar um determinado tema, em sua multiplicidade, em apenas duas horas de duração. Que capacidade de síntese possui, por exemplo, um cineasta como Andrzej Wajda, para montar uma obra-prima como Danton e de nos colocar por dentro dos acontecimentos determinantes da Revolução francesa e de seu rumo catastrófico para o regime do terror, em pouco mais de duas horas, e tendo, sutilmente, a Robespierre, como o fio-condutor? A filosofia, então, recebe “de bandeija”, a possibilidade de pensar o processo revolucionário, a democracia, a ditadura, o regime do terror, o totalitarismo, o fim da monarquia, a descentralização entre religião e estado. Nenhum mestre em filosofia, nenhum grande professor conseguiria fazer melhor em duas horas, até porque lhe falta justamente o recurso de colocar todos diante das mesmas imagens, dos mesmos argumentos, da temporalidade que é própria do cinema e que captura o espectador pela audição e pela visão (que os antigos gregos definiam como o órgão central para o processo de conhecimento no corpo humano).

Alinhar os filmes, então, de modo cronológico, de modo a poder ver o que aconteceu no mundo durante a Guerra Fria. Tendo na memória a lembrança de Herbert Marcuse e seu “Prefácio Político” ao livro Eros e Civilização, era preciso ver como o mundo inteiro estava sendo incendiado por conflitos, pela “guerra de guerrilhas”, cujos efeitos iriam explodir, como ele mesmo previu em 1966, sobre a própria França — onde aconteceria a revolta dos jovens contra pais, professores e outros censores do “establishment”. Então iniciar pelos acontecimentos ocorridos na Argélia (1954 e 1956), depois ir para Cuba (1956 a 1959, com o filme Che), pensar os efeitos destes acontecimentos, sobretudo no âmbito latino-americano, para o assassinato de Kennedy, nos Estados Unidos (*JFK - A pergunta que não quer calar*, JFK, Oliver Stone, 1991), ver também como todos estes eventos vão estourar na própria Europa, com a morte de um político liberal na Grécia, em 1965 (*Z*, Costa Gavras, 1967), retornar para América Latina, mas desta vez para pensar a catástrofe na Bolívia, em 1967 (*Che 2 - A Guerrilha*, Che, Steven Soderbergh, 2008), analisar como estes e outros movimentos políticos conduziram os jovens alemães a formarem o Grupo Baader-Meinhof na Alemanha, em 1967 e, antes de adentrar no maio de 68, ver como a Terra estava em transe neste anos todos (pensar o próprio Brasil pelas mãos de Glauber Rocha na sua obra-prima de 1967, que influenciará cineastas do mundo inteiro). E assim por diante: acompanhar as barricadas francesas (*Os amantes constantes*, Les amants réguliers, Philippe Garrel, 2004) em 68, penetrar no regime militar brasileiro (*Batismo de Sangue*, Helvécio Ratton, 2006), entender como a CIA armou as ditaduras na América do Sul (*Estado de Sítio*, État de Siege, 1973, Costa Gavras), algo que levou ao próprio golpe de Estado no Chile (*Chove sobre Santiago*, Il pleut sur Santiago, Helvio Soto, 1975). Mas também levantar vôo e ir compreender realidades distantes como o Cambodja (*Os gritos do silêncio*, The Killing Fields, Rolland Joffé, 1984), o Líbano (*Valsa com*

Bashir, *Waltz with Bashir*, Ari Folman, 2008), *O Afeganistão (A caminho de Kandahar, Safar é Gandejar, Mohsen Makhmalbaf, 2001)*, *A África do Sul (Hotel Ruanda, Terry George, 2004)*, e ainda deter-se novamente na América Latina, para compreender a ditadura militar na Argentina (*A história oficial*, Luis Puenzo, 1985), bem como tudo o que a Argentina (e a América do Sul) colheram após as ditaduras militares (*Memória do Saqueio, Memoria del saqueo, Fernando Solanas, 2004*).


Mas não poderia faltar, em meio a sobrevôos por países tão distantes, um olhar sobre nosso próprio processo histórico regional. Então, no bloco histórico, que tratava “Da Revolução Francesa ao fim da década de 1940”, e que incluía filmes que iam da União Soviética à formação do Estado de Israel, foi imprescindível colocar um filme gaúcho como *Netto perde sua alma* (Beto Souza e Tabajara Ruas, 2001), o qual de modo corajoso (em vistas da precariedade orçamentária e mesmo de uma pesquisa histórica que ainda está longe de alcançar a mesma qualidade que um Danton e o processo da Revolução, de Wajda) busca, mesmo assim, abordar o espinhoso tema da Revolução Farroupilha. Enfim, era preciso também compreender o processo que fomentará a formação do comunismo na Rússia (*Os possessos, Les possédés, Andrzej Wajda, 1988*), dos dez anos de implementação do comunismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (e aí preferimos colocar no programa *Outubro* (Oktyabre, 1927, Sergei Eisenstein) ao invés do já tão em voga *O encouraçado Potemkin* (Bronenosets Potyomkin, Sergei Eisenstein, 1925), bem como alguns dos elementos que irão disparar a formação da primeira e da segunda guerra mundiais (*A fita branca* [Dass Weisse Band, 2009, Michael Haneke] e *O ovo da serpente* [The serpent’s egg, Ingmar Bergmann, 1977]). Por fim, era preciso ver como os Estados Unidos iriam colher, necessariamente, o resultado de todos os seus anos de imperialismo com o atentado do

11 de setembro (*Fahrenheit - 11 de setembro, Fahrenheit 9/11, Michael Moore, 2004*) e como a própria França, outrora o gigante imperialista, continua fazer também a infeliz colheita dos processos políticos de especulação econômica e intolerância racial (*O ódio, La Haine, Mathieu Kassovitz, 1995*).

Montado o programa, foi a vez de procurar os especialistas em arte e design. O cartaz e os folders, então, ficaram expressivos a partir do trabalho efetuado no Escritório Experimental de Arte e Design da UFPel (atualmente Suldesign). Aliás, foi Guilherme Tavares quem, ao iniciar o projeto gráfico, sugeriu um “Logo” com a figura do “Pensador” (de Rodin) olhando para uma tela na qual estaria escrito “Cine-Filo”. Na época eu disse a ele que a figura de Rodin era muito batida na filosofia e que já existia um livro com o título Cinefilô, e que poderia soar como plágio se usássemos o título. Mas a argumentação de Guilherme, de que seria importante uma imagem e um nome sintético para o projeto, acabou por me convencer.

Pronto o material e divulgado, foi a vez de esperar pelo público. Lentamente, então, a sala com 90 lugares começou a ficar lotada. Poucos dias depois da estréia, na exibição dos filmes Che e de O Grupo Baader-Meinhof, já não havia mais lugares livres. E tem sido sempre assim, com um público fixo de 60 pessoas, desde que iniciamos o primeiro Ciclo. Um público fixo, pois são quase sempre as mesmas pessoas que vão. Ou seja: formou-se um grupo que já não tem outro programa na sexta-feira a não ser ir para o Ciclo de Cinema. Pessoas que tem dos 16 aos 83 anos de idade. Cidadãos das mais diversas classes sociais, profissões, formação educacional, posições políticas ou religiosas. Enfim, o Ciclo atingiu um de seus alvos, que era uma abertura para e pela comunidade em geral. Ademais, os coquetéis realizados após a exibição de alguns filmes também contribuíram muito para a integração do público.

Claro, esperava-se mais. Sobretudo uma maior parceria com o Curso de Cinema e Animação da UFPel. Na verdade tínhamos a expectativa de que apareceriam espontaneamente alunos do Curso de Cinema para contribuir no momento do debate, sobretudo para trazer a biografia dos cineastas ou mesmo fazer uma análise mais técnica do filme. Isto, até agora, não ocorreu. Parceria foi feita, então, com o curso de Português-Francês, cujos alunos vêm traduzindo, neste ano de 2011, sinopses de uma página, elaboradas por um cine-clube francês. De outra parte, mensalmente procuramos ter alguém convidado para o debate, de modo a contribuir mais especificamente sobre o filme exibido. Mas, de modo geral, os objetivos do trabalho foram atingidos. E tudo isso acabou por conduzir ao II Ciclo de Cinema promovido pelo Departamento de Filosofia da UFPel, agora intitulado “A Filosofia e o Cinema Religioso”, cuja recepção está sendo ainda maior. Mas isso é uma outra e longa história.

Para concluir, deixo o leitor com a programação do / *Ciclo de Cinema*, cujas sinopses, aliás, nos demos o trabalho de elaborar. Elas constituem, ademais, um roteiro para o próprio pensamento. E também são a base para um pequeno livro com filmes do Cinema Político, cuja publicação deve aparecer em breve. 

I CICLO DE CINEMA - OS FILMES

O MUNDO DURANTE A GUERRA FRIA (1945-1991):

Ideologia, imperialismo, ditadura, guerrilha

África do Norte/Argélia

A batalha de Argel

(La Bataglia di Algeri, 1966, Itália-Argélia).

Direção: Gillo Pontecorvo. Luta do povo argelino para se libertar do domínio da França, entre 1954 e 1957. Obra clássica do cinema político, sob viés marxista e de engajamento libertário. Considerada como um manual de guerrilha e de antiguerrilha, a obra foi proibida no Brasil até 1982. 135min.



Cuba

Che

(Che, 2008, EUA-França-Espanha). Direção: Steven Soderbergh. Com: Benicio del Toro, Rodrigo Santoro, Demián Bichir, Catalina Santino Moreno. Primeira parte: a trajetória do revolucionário Ernesto Che Guevara, desde a partida para Cuba com Fidel Castro, em novembro de 1956, até pouco antes da tomada do poder em Havana, em janeiro de 1959. 131min.



Estados Unidos

JFK - A pergunta que não quer calar

(JFK, 1991, EUA). Direção: Oliver Stone. Com: Kevin Costner, Kevin Bacon, Tommy Lee Jones, Gary Oldman. Cuba independente, aprofundamento da guerra do Vietnã, aproximação com a União Soviética. Em 1963 John Kennedy teria sido morto por Lee Oswald ou seu assassinato foi preparado pelo alto-escalão político e militar dos Estados Unidos? Véspera das ditaduras militares latino-americanas. 189min.

Grécia

Z

(Z, 1967, França-Argélia). Direção: Konstantinos Costa-Gavras. Com: Yves Montand, Irene Papas, Jean-Louis Trintignant. Na Grécia, a investigação sobre a morte de um político liberal revela uma rede de corrupção que envolve os aparelhos de repressão do Estado e que culmina num golpe militar, em 1965. 127min.

Bolívia

Che 2 - A guerrilha

(Che, 2008, EUA-França-Espanha). Direção: Steven Soderbergh. Com: Benicio del Toro, Rodrigo Santoro, Demián Bichir, Catalina Santino Moreno. Segunda parte: visando a grande revolução latino-americana, Guevara adentra a Bolívia em 1966. O exército boliviano, apoiado por forças militares do imperialismo norte-americano, cercará Che e seus companheiros, no vale do rio Yuro, em outubro de 1967. 133min.

Alemanha Ocidental

O grupo Baader Meinhof

(Der Baader Meinhof Komplex, 2008, Alemanha-França-República Tcheca). Direção: Uli Edel. Com: Martina Gedeck, Moritz Bleibtreu, Johanna Wokalek, Jan Josef Liefers. Durante a visita do Xá do Irã a Alemanha ocidental em 1967, grupo de estudantes alemães é agredido com violência pela polícia. Questionando a semelhança da república alemã com o nazismo, presenciando o imperialismo americano, a guerra do vietnã e as ditaduras na América Latina, os jovens formam uma guerrilha de extrema-esquerda, amplamente conhecida no mundo por suas ações. 150min.

Brasil

Terra em Transe

(Terra em Transe, 1967, Brasil). Direção: Glauber Rocha. Com: Jardel Filho, Glauber Rocha, José Lewgoy, Paulo Autran. Os acontecimentos políticos na fictícia República de Eldorado, o mítico país que estaria localizado na América do Sul, representam a vertigem da reflexão política de Glauber Rocha. Filme concluído em plena ditadura militar brasileira. 115min.

França

A chinesa

(La chinoise, 1967, França-Itália-Polônia). Direção: Jean-Luc Godard. Com: Anne Wiazemsky, Jean-Pierre Léaud, Juliet Berto, Michel Semeniako. No filme, que estréia um ano antes de maio de 1968, Godard mostra um grupo de jovens estudantes em Paris envolvidos pela vaga maoísta e pela literatura comunista. Retrato de um momento da juventude em que tentamos encontrar nosso próprio lugar no mundo. 96min.



Itália

Partner

(Partner, 1968, Itália).

Direção: Bernardo Bertolucci. Com: Pierre Clément, Tina Aumont, Giulio Cesare, Castello Romano. Filme-manifesto realizado no ápice de movimento estudantil de 1968. Um jovem estudante com idéias revolucionárias é incentivado por seu duplo, que surge para o instigar ao engajamento político. Baseado na obra "O duplo", de Dostoiévski, e nas reflexões de Marx, Freud e Godard. 105min.

França

Os amantes constantes (Les amants réguliers, 2004, França).

Direção: Philippe Garrel. Com: Louis Garrel, Julien Lucas, Clodilte Hesme. Maio de 68 explode na França. Ao acompanhar a trajetória existencial de um jovem estudante, o filme mostra o tédio, o amor, a solidão e a poesia um ano depois das barricadas estudantis. Filme-resposta à obra "Os sonhadores", de Bernardo Bertolucci, a obra reacendeu o debate sobre o significado do movimento ocorrido quarenta anos atrás. 178min.

Brasil

Batismo de Sangue (Batismo de Sangue, 2006, Brasil).

Direção: Helvécio Ratton. Com: Caio Blat, Daniel de Oliveira, Cássio Gabus Mendes. Entre 1967 e 1969, opondo-se à ditadura militar brasileira, um grupo de frades dominicanos passa a apoiar o grupo Ação Libertadora Nacional, fundado por Carlos Marighela em 1968. Um retrato da tortura e das consequências psicológicas nos torturados. Baseado no livro de Frei Betto. 110min.

Uruguai

Estado de Sítio (État de Siege, 1973, França-Itália-Alemanha).

Direção: Konstantinos Costa-Gravas. Com: Yves Montand, Renato Salvatori, Jean-Luc Bideau, Jacques Weber. A ditadura militar instaura-se no Uruguai em 1973. Buscando a libertação de presos políticos, o grupo revolucionário Tupamaro sequestra um funcionário da polícia norte-americana. Anatomia da participação direta dos Estados Unidos nas ditaduras militares da América Latina. 119min.

Chile

Chove sobre Santiago (Il pleut sur Santiago, 1975, França-Bulgária).



Direção: Helvio Soto. Com: Jean-Louis Trintignant, Annie Girardot, John Abgey, Bibi Andersson. As forças reacionárias chilenas, sob o comando do General Pinochet, apoiado pela CIA e o governo dos Estados-Unidos, preparam e realizam o golpe militar. Levado a termo em 11 de setembro de 1973, ele derruba o governo popular de Salvador Alende. 109min.

Cambodja

Os gritos do silêncio (The Killing Fields, 1984, Inglaterra). Direção: Rolland Joffé. Com: Sam Waterson, Haing S. Ngor, John Malkovich, Julian Sands, Craig T. Nelson. Em 1975 impõe-se um maoísmo radical no Cambodja. Um jornalista norte-americano busca encontrar um amigo preso e acaba por presenciar o genocídio perpetrado pela ditadura comunista de Pol Pot. 141min.

Líbano

Valsa com Bashir

(Waltz with Bashir, 2008, Israel-França-Alemanha).

Direção : Ari Folman. Após lutar no exército israelense, homem perde a memória e anos depois busca reconstruí-la. A trama levará até o massacre de palestinos ocorrido no Líbano, em 1982. 90min.

Argentina

A história oficial

(La historia oficial, 1985, Argentina).

Direção: Luis Puenzo. Com: Héctor Alterio, Norma Aleandro, Chunchuna Villafañe, Hugo Arana. Professora de história da classe média argentina passa a suspeitar que seu marido tenha adotado uma criança após manter relações com os envolvidos na ditadura militar argentina ocorrida entre 1976 e 1983. 112min.

DA REVOLUÇÃO FRANCESA AO FIM DA DÉCADA DE 1940:

Revolução, guerra, totalitarismo, fundamentalismo

França

Danton e o processo da revolução

(Danton, 1982, França-Polónia). Direção: Andrzej Wajda. Com: Gerard Depardieu, Wojciech Pszoniak, Anne Alvaro, Patrice Chéreau. Após a revolução francesa de 1789, Danton entra em confronto com Robespierre, que instaura o regime do terror no mesmo país que proclamara a Declaração



dos Direitos dos Homens. 130min.

Brasil - Paraguay

Neto perde sua alma

(Neto perde sua alma, 2001, Brasil). Direção: Beto Souza e Tabajara Ruas. Com Werner Schunemann, Laura Schneider, Sirmar Antunes, Márcia do Canto. Ferido na guerra do Paraguai, que teve começo em 1865, o general Antônio de Souza Netto recupera-se num hospital em Corrientes, Argentina. Sem saber ainda o destino que lhe espera, ele relembra sua participação na Revolução Farroupilha (1835-1845). Baseado na obra de Tabajara Ruas. 142min.

Rússia

Os possessos

(Les possédés, 1988, França). Direção: Andrzej Wajda. Com: Isabelle Huppert, Jutta Lampe, Philippine Leroy-Beaulieu, Bernard Blier. Por volta de 1870, em uma pequena cidade russa, um grupo de revolucionários decide transgredir a antiga ordem estabelecida. Baseado na obra "Os demônios", de Dostoiévski, o filme é uma crítica das ideologias de democratas, socialistas, fanáticos religiosos e ultra-conservadores. 116min.

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Outubro

(Oktyabre, 1927, URSS). Direção: Sergei Eisenstein.

Com: Vladimir Popov, Vasili Nikandrov, Boris Livanov, Eduard Tisset. No décimo aniversário da revolução bolchevique, Eisenstein filma em Leningrado para registrar e fazer compreender alguns episódios centrais que marcaram o período da revolução transcorrido entre fevereiro e outubro de 1917. 95min.

Alemanha

A fita Branca

(Das Weisse Band, 2009, Austria-Alemanha-França-Itália). Direção: Michael Haneke. Com: Susanne Lothar, Burghart Klaubner, Marisa Growalt. Estranhos acidentes num pequeno vilarejo protestante ao norte da Alemanha em 1913 envolvem punição do corpo e pureza do espírito. Análise psicológica do que teria conduzido a Alemanha à Primeira Guerra Mundial. 144min.



O ovo da serpente

(The serpent's egg, 1977, EUA-Alemanha).

Direção: Ingmar Bergmann. Com: David Carradine, Liv Ullmann, Heinz Bennent. Um trapezista judeu desempregado descobre que seu irmão cometeu suicídio. Ambientado na Berlim de 1923, o filme é uma profunda reflexão sobre as origens do Nazismo - o qual levará a Alemanha à Segunda Guerra Mundial. 119min.

Palestina - Israel

Kedma

(Kedma, 2002, Israel-França-Itália). Direção: Amos Gitai. Com: Andrei Kashkar, Helena Yaralova, Yussuf Abu-Warda, Moni Moshonov. Chegada à Palestina de refugiados judeus sobreviventes do Holocausto pouco antes da fundação do Estado de Israel (1948). Desembarcando do navio Kedma numa ilha, eles são recebidos a tiros pelos ingleses que não querem abandonar sua colônia, e entram em conflito com os árabes muçulmanos que ali viviam. A atualidade do conflito entre árabes e judeus. 100min.

DO FIM DA GUERRA FRIA AOS NOSSOS DIAS:

Terrorismo, genocídio, fundamentalismo, intolerância

Argentina

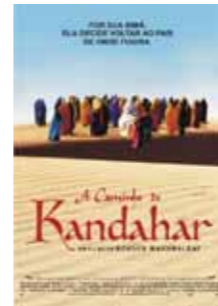
Memória do Saqueio

(Memoria del saqueo, 2004, Argentina-França-Suíça). Direção: Fernando Solanas. Tendo como foco a revolta ocorrida em Buenos Aires no ano de 2001 (conhecida popularmente como "Panelaço"), Solanas realiza um documentário sobre as origens da dívida externa argentina, do século XIX à ditadura militar de 1976. Mestre do cinema argentino, ele denuncia um genocídio social provocado pelo Estado, que mataria 150 mil pessoas por ano. 120min.

Afeganistão

A caminho de Kandahar

(Safar é Gandejar, 2001, Irã). Direção: Mohsen Makhmalbaf. Com: Niloufar Pazira, Hassan Tantai, Sadou Teymouri. Afegã exilada no Canadá vai em busca da irmã em Kandahar, capital do regime talibã. O percurso desvela a realidade de um Afeganistão sob a égide dos fundamentalismos. 85min.



África do Sul/Ruanda

Hotel Ruanda

(Hotel Rwanda, 2004, África do Sul-Itália-Reino Unido). Direção: Terry George. Com: Don Cheadle, Desmond Dube, Nike Nolte, Hakeem Kaekasin. Colônia da Bélgica até 1962, quando Ruanda ganha sua independência seu povo está dividido entre facções. O filme mostra o conflito político que ocorre em 1994, o qual conduz a um genocídio de quase um milhão de pessoas. 121min.

Estados Unidos

Fahrenheit 11 de Setembro

(Fahrenheit 9/11, 2004, EUA). Direção: Michael Moore. Polêmico documentário do autor de "Tiros em Columbine", que investiga as causas que levaram o grupo Al Qaeda a atacar os Estados Unidos, destruindo as "torres gêmeas", em setembro de 2001. 122min.

França

O ódio (La Haine, 1995, França). Direção: Mathieu Kassovitz. Com: Vincent Cassel, Hubert Koundé, Said Taghmaoui, Abdel Ahmed. Dez anos antes da revolta que explodiria nos subúrbios de Paris (2005), na qual interviria o então ministro do interior Nicolas Sarkozy, Mathieu Kassovitz abordava os conflitos raciais que sofrem os imigrantes na França. A incompreensão entre os povos, que ocorre em qualquer parte do mundo. 96min.

